

Vida  
-0. NOV. 1941

ANO I—N.º 16—4 DE SETEMBRO DE 1941—PREÇO 1 ESC.

# MUNDIAL Ilustrada

SEMÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES



SURTIU UMA NOVA «ESTRELA»—LEONOR MAIA, que aparece, pela primeira vez, no Cinema na protagonista da comédia «O Pai Tiramo», a estrear no próximo dia 19. É natural de Lourenço Marques, donde veio para a Metrópole propositadamente para trabalhar nesta «Produção António Lopes Ribeiro».

Redacção e Administração: Rua Garrett, 80, 2.º Lisboa Telefone 2 5844

PROF. DR. MANUEL RODRIGUES  
PROF. BARBOSA DE MAGALHÃES  
FERREIRA DE CASTRO  
PROF. DR. HERNANI CIDADE  
GENERAL FERREIRA MARTINS  
DR. LOPES DE OLIVEIRA  
MANUEL L. RODRIGUES

DR. AMÉRICO DURÃO  
ASSIS ESPERANÇA  
DR. SOUSA COSTA  
ROBERTO NOBRE  
DR. CASTRO FERNANDES  
DR. JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS  
DR. CAMPOS PEREIRA

DR. ANSELMO VIEIRA  
JOAQUIM PAÇO DE ARCOS  
JOSÉ LOUREIRO BOTAS  
AUGUSTO FERREIRA GOMES  
F. CARVALHO HENRIQUES  
BRAMÃO DE ALMEIDA  
Etc.



# Como os pilotos da **R. A. F.** Voltam a voar

UMA VISITA A UM HOSPITAL DA R. A. F., em qualquer ponto da Inglaterra, fornece estes curiosos documentários. Pelas fotos insertas nesta página se vê como os pilotos da aviação inglesa voltam a voar, após um acidente, uma queda ou um ferimento em combate. Não se trata de hospitais vulgares. O aviador não é também um soldado igual aos outros. Vive numa tensão nervosa especial, numa vida diferente. Os estabelecimentos onde são tratados e curados e onde fazem a sua convalescença constituem um mixto de casa de saúde e de sanatório, de hospício, e de centro de readaptação à vida. Há novos métodos de cura e novos sistemas de recuperação de forças. E, sobretudo, uma grande dose de optimismo e alegria que faz encerrar melhor a vida de cada dia...



# Vida PORTU GUESA



TRÊS ASPECTOS DA ELEGANTE ASSISTÊNCIA às grandiosas regatas efectuadas nos últimos domingos em frente da praia de Paço de Arcos.



OS PROFESSORES LICEAIS PORTUGUESES que frequentaram no Instituto Britânico um curso de «Besreshrot Cout», subsidiado pelo Instituto para a Alta Cultura, ofereceram um almôço em honra do director e professores daquele Instituto. Aos brindes, falaram os srs. Drs. Manuel Inácio Anacleto e J. Tavares e o prof. George West.

# o caso da semana

## No fim de dois anos, a guerra europeia transformou-se em conflagração mundial Desapareceram as principais figuras que dirigiram então a política da Europa

por Carlos Ferrão

**N**o dia 1 de Setembro, completou-se o segundo ano da actual guerra. Há, por isso certo interesse em fazer uma resenha, embora rápida e resumida, dos principais factos ocorridos durante este período,

relativamente largo, de vinte e quatro meses, concretizando a sua origem e definindo as suas conseqüências. A história se encarregará de averiguar oportunamente, quem são os responsáveis da luta fratricida em que a Europa se envolveu. Uma coisa é já hoje evidente, perante a extensão e o potencial da força desencadeada: o pensamento e as intenções que ditaram a atitude dos dirigentes que há dois anos detinham o encargo avassalador do poder, foram ultrapassados pelos acontecimentos. A guerra mudou de feição, os protagonistas da sua eclosão foram, em grande parte, substituídos. Quantos dos homens de Estado que, no outono de 1939, asseguravam a «vedeta» dos grandes jornais e magazines, sucumbiram, quantos se retiraram, quantos aguardam, num silêncio, de reserva ou de julgamento, que a consciência pública pronuncie a sua sentença!



CHAMBERLAIN

Franceses e ingleses, alemães e italianos, muitos foram os que não resistiram ao peso da catástrofe. O sr. Chamberlain, o sr. Neville Chamberlain, o general von Fritsch e o marechal Italo Balbo são individualidades que desapareceram na paz do túmulo. O sr. Daladier e o sr. Reynaud, o general Gamelin, o sr. Winstan Churchill, que o partido conservador afastava sistematicamente dos lugares de direcção, é o Primeiro Ministro da Grã Bretanha e o chefe incontestado desse mesmo partido conservador. Os adversários do sistema parlamentar em França governam actualmente, de Vichy, a sua pátria diminuída pela derrota e pela opressão do vencedor. Do centro da Europa, desapareceram vários países independentes (Noruega, Holanda, Belgica, Polónia,

Dinamarca, Iugo-Eslávia, Grécia, Países Bálticos) que vivem actualmente em regime de ocupação. Desta guerra, bem pode dizer-se que ela trouxe consigo uma revolução na vida dos povos.

1939

### A PARTILHA DA POLÓNIA

(Setembro)

Em 1 de Setembro de 1939, as tropas alemãs entraram na Polónia. A resistência deste país durou precisamente vinte e sete dias. O motivo imediato do conflito foram a divergência insanável suscitada entre os governos de Berlim e de Varsóvia a propósito do pórtico de Dantzig e do território conhecido pela designação de corredor polaco.



CAMPINCHI

Na primeira quinzena de setembro, os alemães puderam realizar, com mérito incontestado, a primeira grande experiência da guerra relampago. Como factor essencial da manobra ofensiva, apareceu, pela primeira vez, a colaboração estreita do avião de bombardeamento com o carro pesado. Divisões blindadas e esquadrilhas da arma aerea cooperaram eficazmente para impedir a mobilização do inimigo, contra as vias de comunicação, destruir os seus depósitos de abastecimento e aniquilar os seus efectivos.

Enquanto estes acontecimentos se desenrolavam a leste, a oeste havia apenas uma tentativa de penetração cautelosa das forças francesas na região do Sarre, que não conduziu a qualquer resultado positivo.

Em 17 de setembro surgiu um facto novo no xadrez das forças que se degladiavam. O exército soviético penetrou no território polaco, em profundidade, e, durante uma duzia de dias, realizou incessantemente marchas que o aproximaram dos combatentes alemães. Esta operação militar correspondia imperiosamente, a um plano político. No espaço de dois seculos a Polónia suportava a quarto partilha realizada entre russos e alemães.

Em 27 de Setembro a derrota do exército polaco era um facto consumado. O Chefe do Estado e o Governo da Polónia refugiaram-se na Roménia. O mesmo fez o marechal Ridz Simigly, em cujas aptidões e capacidade de comando as nações ocidentais haviam depositado as suas melhores esperanças para prolongar a resistência do seu país em termos de lhes permitir uma preparação adequada.

O entendimento germano-soviético apareceu selado por uma realidade concreta. Os plenipotenciários dos dois paí-

ses, reunidos em Brest Litovsk, assentaram no traçado de uma fronteira entre o Reich e a U. R. S. S. Um acordo comercial, prevendo um largo e proveitoso sistema de trocas, completou o acordo militar estabelecido no leste europeu.

### O PRIMEIRO INVERNO

(Outubro a Dezembro)

No dia 6 de Outubro, o Reichstag foi solenemente convocado. O Fuehrer fez uma extensa declaração sobre o que se passara e rematou o seu discurso com uma proposta de paz. O seu conceito da situação era o seguinte: as duas grandes potencias ocidentais, França e Grã Bretanha, não haviam tido qualquer intervenção activa na campanha da Polónia. Os factos tinham demonstrado, à saciedade, que uma aliança militar entre os franceses e ingleses, dum lado, e os polacos, do outro, não tinha sentido, fora do âmbito dos compromissos diplomáticos que os povos desejam ver honrados sem preguntarem até que ponto essa tarefa é realizável. A França e a Inglaterra restava apenas o recurso de se acomodarem com a situação criada e aceitarem a solução apaziguadora que se lhes oferecia. Não era intenção do Reich aniquilar a nação polaca, mas reduzi-la à suas verdadeiras proporções, tal como as concebiam em Berlim. Em relação a Paris e a Londres, o governo alemão não tinha reivindicações concretas a apresentar fora do quadro geral da ordem nova prevista para substituir a ordem de Versailles.

Tanto o sr. Chamberlain como o sr. Daladier, então chefes de Governo em Londres e Paris, recusaram o oferecimento alemão em discursos que tiveram certa retumbância.

Assim se pronunciava o inverno de 1939, como de preparação e escuta recíproca, o que permitia aos adversários afinarem e utilizarem, até às últimas conseqüências, os seus instrumentos de propaganda. Foi nessa altura que a U. R. S. S. se encarregou de dar, pela segunda vez, a nota sensacional e inesperada no decurso do conflito.

Depois duma série de negociações, conduzidos em Helsinquia e em Moscovo, as quais terminaram por um malogro total, os russos invadiram o território finlandês e iniciaram, ao longo da fronteira e com particular violência na região da Carélia, uma ofensiva a que as tropas do marechal Mannerheim

opuseram resistência obstinada e eficaz. As hostilidades desenrolaram-se, com sorte vadia, desde 30 de Novembro de 1939 a 13 de Março de 1940 e pode dizer-se

que constituiram o único acontecimento militar digno de registo que ocorreu durante o inverno. A paz foi assinada em Moscovo e consagrou as concessões substanciais que a Finlândia consentiu em favor dos soviets.

1940

### «DRÔLE DE GUERRE»

(Janeiro a Março)

Que preparavam, no fundo, os dois grupos de beligerantes? Um e outro tinham uma confiança ilimitada nos seus recursos e na sua estrela. Os ingleses mantinham a sua confiança tradicional nos efeitos do bloqueio. Esta convicção alimentou-se de informações, mais ou menos exactas, e da certeza, dada pelos seus agentes diplomáticos e consulares, de que o acordo comercial germano-russo não estava a ser, por parte dos soviets, integralmente executado. No mar, o episódio doloroso do «Royal Oak», afundado no início das hostilidades, aparecia compensado pela destruição do «Graf Spee», nas águas do Atlântico Sul, depois duma perseguição eficaz e duma acção naval brilhante. A Grã Bretanha tinha razões sólidas para confiar na sua esquadra. Em Londres, os trabalhistas recusavam-se a participar no governo, sob a direcção de Chamberlain, e essa atitude de abstenção repetia-se no ritmo da produção de guerra. Nos meios diplomáticos e militares, predominava a impressão, largamente desmentida pelos factos, de que a unidade nacional no Reich seria rapidamente afectada por divergências de ordem interna.



ITALO BALBO

Em Berlim, o Alto Comando e a direcção política concertavam cuidadosamente o seu plano de campanha para a primavera. Os alemães fiavam tudo duma acção militar fulminante a desencadear no ocidente, à imagem e semelhante daquela que lhes dera a vitória espectacular da Polónia. As peças da sua imponente máquina ofensiva ajustavam-se febrilmente para que, com o alvorecer da primavera, todos os pormenores se encontrassem completamente realizados. A segurança do Reich, garantida, a leste, permitia-lhe a oeste uma inteira liberdade de movimentos.

Em Paris, o optimismo geral e a confiança no exército mal consentiam que alguns espiritos clarividentes pusessem em relevo as falhas evidentes que, na ordem política e na ordem militar, o corpo da nação apresentava. O ministro da propaganda do Reich encontrara uma fórmula impressionante para definir a



VON FRITSCH

opuseram resistência obstinada e eficaz. As hostilidades desenrolaram-se, com sorte vadia, desde 30 de Novembro de 1939 a 13 de Março de 1940 e pode dizer-se

situação ao dizer que o propósito dos dirigentes alemães era o de deixar apodrecer a guerra. A França mobilizara alguns milhões de homens. Mas o contrário do que aconteceu em 1914, estes não viviam o clima da luta. Por toda a parte, soldados e civis repetiam numa síntese de derrotismo: «Drôle de guerre...»

**A GUERRA RELÂMPAGO**

(Abril e Julho)

Em 9 de abril o mundo assistia ao deflagrar da guerra relâmpago no ocidente. Em Oslo, o general Falkenhorst, que se instalara como turista num hotel da capital norueguesa, deu o sinal de ataque que se estendeu rapidamente às outras cidades do país. Em Narvik, o general Dietl inutilizou uma tentativa franco-britânica para auxiliar a resistência da Noruega. A invasão deste país fôra precedida da ocupação pacífica da Dinamarca.

Passado um mês, a guerra acendeu-se na fronteira da Holanda e propagou-se à Bélgica. Holandeses e belgas procuraram, durante alguns dias, resistir à ofensiva alemã. O exército francês penetrou em território belga, considerando o comando que a segurança do país estava assegurada pela linha Maginot. A rotura da frente francesa no Mosa marcou o início da derrota para as tropas que, superiormente comandadas pelos generais Gamelin e Weygand, inferiores em número e em equipamento ao adversário, retiraram sobre Paris, abandonaram a capital e se mostravam incapazes de resistir à pressão alemã. O conjunto das operações iniciadas com a penetração alemã na Holanda e terminadas com a rendição do exército francês ficou conhecida pela designação genérica de batalha da França. Isto durou um



**DALADIER**  
mês e dez dias (10 de maio a 20 de junho).

Em 10 de junho a Itália entrou na guerra ao lado do Reich e as suas tropas, comandadas superiormente pelo marechal Pietro Badoglio, ocuparam a fronteira das Alpes, não chegando a iniciar operações de envergadura. O governo francês, presidido pelo antigo ministro das Finanças Paul Reynaud, foi substituído por um gabinete que, sob a presidência do Marechal Pétain, se formou para negociar um armistício com o vencedor. Este foi assinado na floresta de Compiègne em 22 de Junho. Os alemães ocuparam dois terços do território da França e impuseram aos vencidos o pagamento dum pesado tributo enquanto durasse a ocupação. Um documento idêntico assinado com a Itália marcou o termo das hostilidades franco-italianas. A campanha a oeste estava terminada.

Aproveitando as circunstâncias assim criadas, as tropas russas penetraram, em 28 de junho, no território romeno e ocuparam as províncias da Bessarábia e da Bucovina, incorporadas na Romênia em seguida à Grande Guerra.

**MANOBRAS DE OUTONO**

(Agosto a Novembro)

O espectáculo a que o mundo assistiu em seguida à campanha vitoriosa da Polónia voltou a repetir-se depois da vitória alemã sobre a França. Convocado, de novo, o Reichstag, o chanceler Hitler resumiu os resultados militares obtidos e renovou as suas propostas de paz. Dirigiu-se agora apenas ao adversário do Reich que conseguia manter-se na luta.

Efectivamente, a Grã Bretanha não se mostrava inclinada a abandonar o terreno porque tinha enveredado. Antes do colapso francês, retirara de Dunquerque, cidade que fôra transformada num poder-

roso campo entrincheirado, a quasi totalidade do corpo expedicionário que enviara à Europa. Eram cerca de trezentos mil homens que conseguiram salvar-se utilizando toda a espécie de embarcações. Com êles, seguiu a aviação britânica destacada para França. O resto do material, incluindo modernos carros e artilharia pesada, ficou em poder dos alemães.

Preocupado com o destino que eventualmente poderia ser dado à esquadra francesa, o governo inglês ordenou em 3 de julho, uma acção enérgica contra os navios fundeados em Mers-el-Kebir. Dessa acção resultou o afundamento ou inutilização, por longo tempo, de diversos unidades.

Em resposta ao discurso do Fuehrer, o Primeiro Ministro, já então o sr. Winston Churchill, fez saber que a Grã Bretanha não negociaria com o regime nazi.

Em 8 de agosto, iniciou-se a batalha da Inglaterra com uma poderosa ofensiva da Luftwaffe contra a capital e as principais cidades britânicas. Essa ofensiva tinha por objectivos essenciais quebrar o moral das populações inglesas e conquistar o espaço aéreo como prelúdio duma invasão cujos preparativos estavam muito adiantados.

Simultaneamente com a ofensiva aérea do Reich contra a metrópole britânica, desencadeou-se em agosto a ofensiva italiana contra o Egito. A primeira prolongou-se, sem resultado, durante os meses de setembro a novembro. A segunda até meados de Setembro, coincidiu com a conquista da Somália britânica sem mais consequências.

Em Setembro, foi assinado, em Berlim, o pacto tripartido que associava o Japão à política do «eixo». Em 28 de outubro, as tropas italianas penetraram em território grego, estendendo-se aos Balcans o terreno das hostilidades.

**1941**

**EM ÁFRICA E NO MEDITERRÂNEO**

(Dezembro a Março)

O inverno de 1940 não foi assinalado na Europa por operações de envergadura. Malograda a tentativa alemã contra a Grã Bretanha e não tendo colhido melhor resultado a ofensiva italiana contra o Egito, a segunda quinzena de novembro e os primeiros dias de dezembro foram assinalados por uma certa acalmia.

Nos Estados Unidos, a reeleição do presidente Roosevelt, proposto pela terceira vez ao sufrágio popular, marcou a primeira vitória dos intervencionistas. Os dois partidos em luta, democráticos e republicanos, embora preconizando a necessidade de auxiliar a Grã Bretanha, acentuaram que fariam tudo para evitar que os Estados Unidos se vissem directamente envolvidos na contenda.

A campanha da Grécia, ao contrário do que geralmente se esperava, não pôde ser liquidada com uma vitória rápida das tropas italianas. Estas foram obrigadas a ceder terreno e o teatro das

operações transferiu-se para a Albânia. As vitórias gregas, por seu lado, não conduziram a qualquer decisão.

Em 9 de dezembro, o exército imperial britânico iniciava, a partir de Sidi-Barrani, a sua réplica à ofensiva

malograda do marechal Graziani. Dirigiu-a o general Archibald Wavel. Entre 9 de dezembro e 6 de fevereiro, as tropas do general Wavel, poderosamente equipadas com carros e aviação e constituídas por contingentes especializados de australianos e neo-zelandezes avan-

çaram na Líbia e atingiram o porto de Bengasi. O exército expedicionário italiano perdeu a melhor parte das suas forças. Ao mesmo tempo, o comando inglês do Próximo Oriente iniciava a ocupação da África Oriental italiana (Eritreia, Somália Italiana, Abissínia).

As hostilidades apareceram desdobradas da Europa para a África e do Mar do Norte para o Mediterrâneo. Em 10 de janeiro, a aviação alemã, partindo das bases que constituiu no sul da Itália, fez sua aparição no céu mediterrâneo. No Reich constituiu-se um corpo expedicionário que, sob o comando do general Rommel, foi transportado para Trípoli a fim de cooperar com as forças italianas que tinham escapado às consequências da ofensiva britânica. No Atlântico, a campanha contra as rotas marítimas que conduzem à Grã Bretanha intensificou-se.

**OS BALCANS EM FOGO**

(Abril e Maio)

A aprovação da lei de empréstimo e arrendamento, em 11 de março, assinalou um progresso sensível no intervencionismo norte-americano. Os Estados Unidos, segundo a expressão do seu presidente, tomaram a iniciativa de transformar os seus recursos industriais no arsenal dos países que se opunham às potências do «eixo». A votação de lei instituindo o serviço militar obrigatório marcou o seu propósito de organizar, rapidamente, uma poderosa força de combate em terra.

Estes factos levaram os governos de Berlim e Roma a precipitar os acontecimentos no continente. Na impossibilidade de atacar directamente a ilha britânica, os alemães intensificaram a campanha submarina e voltaram, de novo, as suas vistas para a rota vital do Suez. O envio do corpo expedicionário do general Rommel, para o Norte de África foi seguido da reconquista da Líbia. O aparecimento da aviação germânica no Mediterrâneo teve como consequência uma sucessão de ataques violentos contra a esquadra britânica baseada em Alexandria. O Egito apareceu, de novo, como objectivo imediato dos exércitos germano-italianos.

A campanha do Egito exigia a realização de certas condições prévias.

Por isso, em 6 de abril as forças combinadas da Alemanha e da Itália iniciaram o ataque decisivo aos países da península balcânica, que mantinham com a Grã Bretanha relações estreitas. Essas nações eram a Iugoslávia e a Grécia. A sua ocupação, depois de uma luta rápida e violenta, foi precedida de uma série de manobras diplomáticas que não puderam evitar o conflito armado. Em 1 de maio, o corpo expedicionário britânico que desembarcara na Grécia era obrigado a abandonar o continente. Em 1 de junho, as tropas inglesas abandonavam igualmente a ilha de Creta onde se deteve o avanço alemão no Mediterrâneo.

O mês de maio foi assinalado por dois acontecimentos que deviam ter uma repercussão sensível na Grã Bretanha. No dia 10, inesperadamente, o mundo soube que numa parte do território da Escócia descerá dum avião, em paraquedas, o logar tenente do Fuehrer, Rodolfo Hess. Até ao fim do mês, os ingleses, combatendo no Irak as forças que apoiavam o regente Ralhid Ali cujas tendências pró-germânicas constituíam uma ameaça para os seus interesses naquêle país.

**A CAMPANHA DA RÚSSIA**

(Junho a Setembro)

A ocupação do Irak, depois duma luta porfiada, seguiu-se a ocupação da Síria

em que as tropas britânicas e de franceses livres, sob o comando do general Wilson, derrotaram as forças fiéis ao governo de Vichy, comandadas pelo general Dentz. A ocupação da Síria, que melhorou muito a posição britânica no Próximo Oriente, consumou-se com a assinatura dum armistício em 12 de julho.

Em 18 de junho, o Reich assina com a Turquia, depois de laboriosas negociações, um pacto de não agressão. O governo de Ankara acentuou que este instrumento diplomático não invalidava nenhuma das cláusulas do pacto de assistência mútua concluído com a Grã Bretanha em 1939. Nenhuma declaração idêntica foi feita quanto às relações turco-soviéticas reguladas também por um tratado de amizade.

Tal como aconteceu com o pacto de 23 de Agosto de 1939, celebrado entre o Reich e a U. R. S. S. que significava, a breve trecho, a partilha da Polónia entre os dois signatários, o novo pacto



**GRAZIANI**

germano-turco significava, a prazo mais ou menos curto, a guerra entre a Alemanha e a Rússia. Foi isso que efectivamente aconteceu. Na madrugada de 22 de junho, as tropas alemãs entraram no território soviético iniciando a campanha militar a leste a qual, pela extensão da frente, importância dos contingentes postos em acção e quantidade de material empregado, é a maior registada durante esta guerra. A frente de batalha, que se estende entre o Oceano Ártico e o Mar Negro, calcula-se que tenha 2.400 kms. Segundo os comunicados oficiais alemães, dum e doutro lado, encontraram-se, frente a frente, em mais duma fase da campanha, nove milhões de homens. Os números que, de origem oficial, se referem ao material empregado, falam de dezenas de milhares de aviões, de todos os tipos, de carros de todas as dimensões, e de canhões de todos os calibres.

A entrada da U. R. S. S. na guerra levou a Grã Bretanha a assinar com aquele país uma aliança na qual se estabelece que nenhuma das partes pode concluir com o Reich uma paz separada. Em agosto, realizou-se no Atlântico uma entrevista, que durou alguns dias, entre Roosevelt e o Primeiro Ministro da Grã Bretanha, Winston Churchill, na qual foi elaborada uma declaração comum contendo os oito pontos que afirmam, para a guerra e para a paz, a solidariedade das nações anglo-saxónicas.

**DA GUERRA EUROPEIA À CONFLAÇÃO MUNDIAL**

Ao fim de dois anos, as características da guerra, iniciada em 1 de setembro de 1939, aparecem completamente alteradas. A sua face primitiva está irrecognoscível. Da luta entre a Alemanha e a Polónia, resultou o alargamento das hostilidades a novos e inesperados campos. Primeiro a França e a Inglaterra viram-se envolvidas na contenda. O mesmo aconteceu, depois, a outros países da Europa, de tal maneira que a maior parte do continente europeu se encontra actualmente ocupada pelos exércitos do Reich.

Do continente europeu, a guerra contagiou a África—onde, na Líbia, na Tripolitania e no Egito os adversários se têm defrontado, ao mesmo tempo que as medidas de precaução na África do Norte francesa e a luta entre partidários do general De Gaulle e elementos fiéis ao governo de Vichy estendem o alarme até às regiões equatoriais. Com a África, a Ásia aparece, ao fim de dois anos, igualmente contagiada pelos

(Continua na pág. 16)

# DOMINGOS Lisboetas a 33 Graus á Sombra



NÊSTES DOMINGOS DE CALOR, não há quem se contente com as sombras de Lisboa ou a sesta dormida em casa — à fresquinha. Tôda a gente sente o desejo de se evadir, de esquecer as ruas por onde passa todos os dias, os almoços e jantares de fugida, em casa, os mesmos panoramas e as mesmas pessoas, que nos acostumamos a ver às mesmas horas, nas mesmas esquinas. Sai-se, então, da capital para a praia ou para o campo — e é um dia cheio, quanto mais não seja, de sol e de cachaço... Os combóios apinham-se numa multidão ávida de sensações novas. A estação do Cais do Sodré e a ponte da Parceria dos Vapores Lisboenses têm grande movimento.



A PRAIA é o sítio mais apeteçido. Há quem vá para nadar, quem vá para molhar os pés fora de casa e quem vá só para ver. Adquirem as planícies de areia, nos domingos, uma vida bulhosa e alegre, para a qual concorrem, em grande escala, os gritos de satisfação dos pequeninos que encontram ali campo vasto para as suas diabruras, longe da vista dos papás, que andam a chapinhar na água ou se ficam a dormir, deitados de costas no chão — sonhando, talvez, que terminaram, de momento, as agruras da vida...



OS COMBÓIOS vão atulhados. E as malas vão repletas de farnéis que se hão-de comer longe de casa.



AS CAMIONETAS têm também grande procura. E há que fazer desdobramentos para que nelas caiba toda a gente.

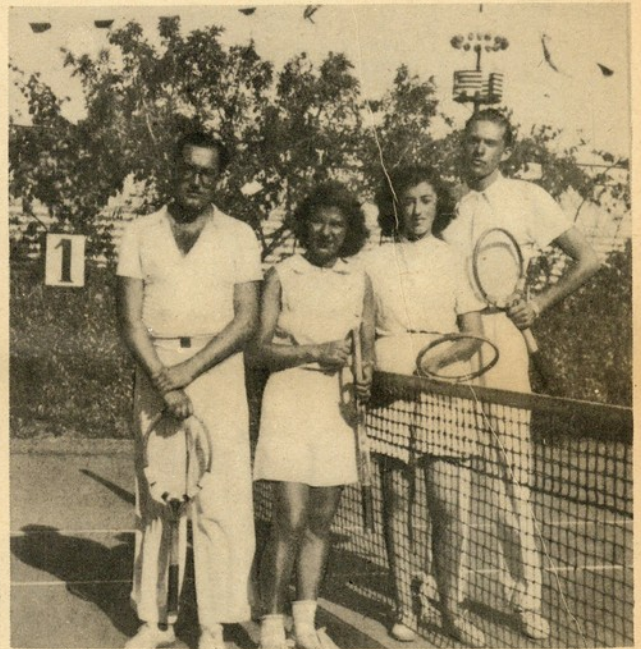


MAS OS CAFÉS não deixam de se encher. É que, aqui para nós, ainda não há melhor sítio para se passar estes domingos — quando o dinheiro não abunda.

(Fotos feitas com películas Ferránia)



OS CAMPEONATOS DE TENNIS DA CURIA disputados recentemente constituíram um dos mais entusiasmados números do programa desportivo da época naquela formosa estância. A foto mostra-nos um grupo de tenistas no «dancing» da elegante piscina-praia, após a festa da distribuição dos prémios.



OS FINALISTAS DO CAMPEONATO DE TENNIS DA CURIA, em pares mistos. Da esquerda para a direita: Boter, Mary Motta, Madame Cabral e Sivic. Venceram os dois primeiros que conquistaram, assim, o título de campeões.

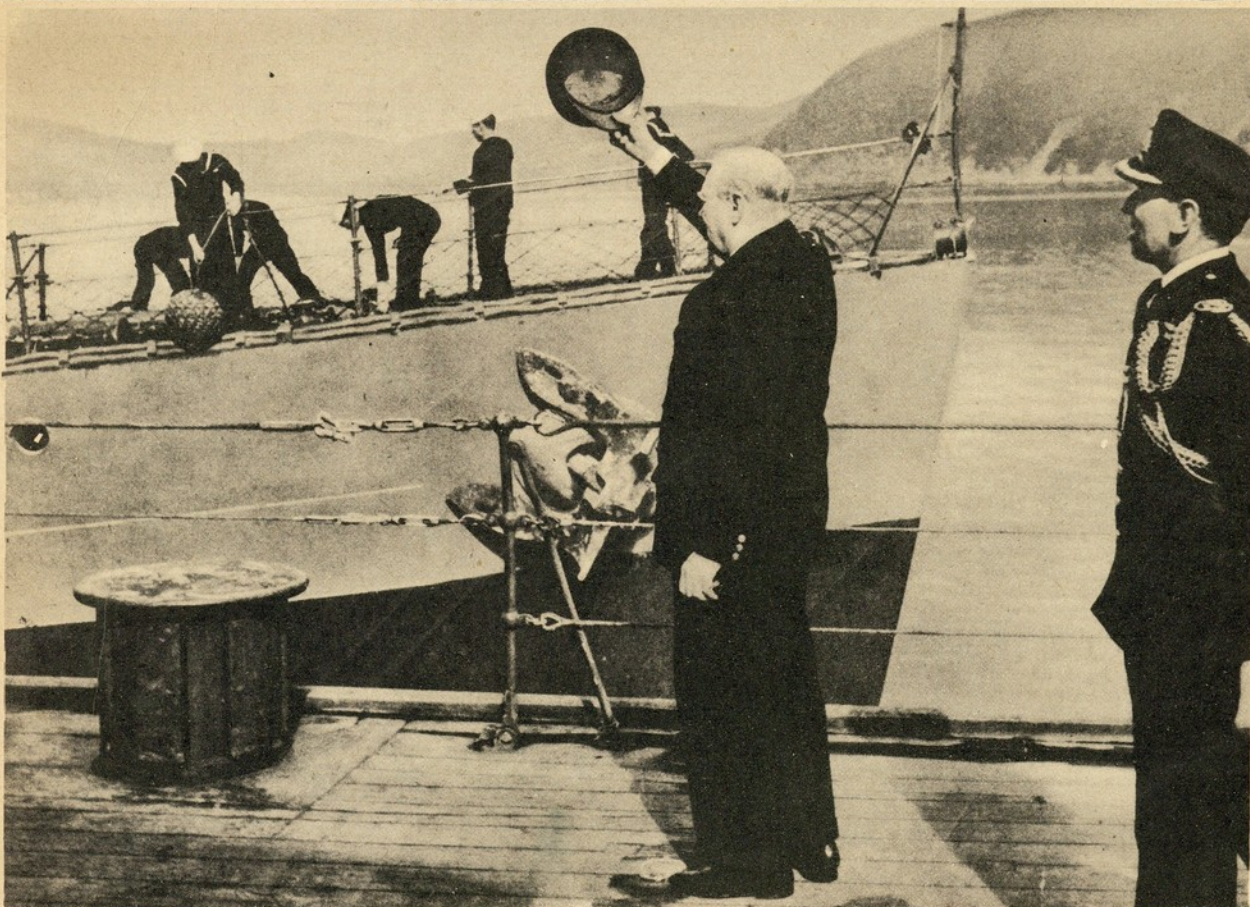


NOS «COURTS» DO CURIA PALACE SPORTS CLUB — Alguns dos desportistas que estão a veranear na Curia e que tomaram parte nos campeonatos de tennis de Portugal e daquela estância, fotografados antes do começo das provas.



# A ENTREVISTA do *Atlântico*

VÁRIOS ASPECTOS DA CONFERÊNCIA ENTRE ROOSEVELT E CHURCHILL. À esquerda: O Primeiro Ministro inglês acariciando o «Blackie», mascote do «Príncipe de Gales»; e o Presidente e Churchill numa das suas conversações. Em baixo: Churchill, com o seu uniforme de marinheiro, entre os marinheiros americanos; e, com Summer Welles, a bordo do «Augusta». Ao fundo: À despedida, a última saudação a Roosevelt.





Panorama Internacional

# As glórias e os avisos de Winston Churchill

por Francisco Veloso

**D**OIS acontecimentos absorveram na última oitava as atenções mundiais: — o discurso de Churchill e a invasão do Irão ou Pérsia, como portuguêsemente lhe devemos antes chamar

na tradição áurea dos cronistas e do glorioso título da coroa dos nossos reis que durante três dinastias com o povo criaram e guardaram a Pátria em todo o Mundo conhecido.

Ignora se e não pode avaliar-se a extensão desses dois sucessos nem tão pouco dizer-se se eles constituem vanguarda de abertura de outros que latem na próxima nova fase desta imensa convulsão.

Mas é lícito alinharmos-lhe os que, neste momento, trazem em si mesmo um significado não só do rumo que a política internacional toma em decisiva viragem, mas também do próprio impulso que move a acção ofensiva diplomático-militar do gigantesco bloco das potências aliadas.

## ANUNCIAÇÃO DE ESPERANÇAS



NOMURA

Ao discurso de Winston Churchill radiodifundido na noite de 24, melhor se chamará comentário oficial da declaração anglo-americana firmada no *Potomac*, à qual o primeiro ministro inglês acaba de dar o baptismo duma designação histórica: — a *Mensagem do Atlântico*. Nesse seu carácter reside a razão da importância das afirmações de Churchill. De facto, como dissemos, naquela declaração o que vale é, por detrás dos princípios enunciados — arma de poderoso alcance psicológico sobre a opinião mundial — o conteúdo de um plano político estabelecido. E foi este, além do que já analisámos sobre os problemas em debate nos diversos teatros actuais e possíveis da guerra, o valor da oração do grande estadista britânico.

Desde que a guerra foi suportada exclusivamente pela Inglaterra e pelo Império, a ideação do bloco dos países que falam inglês como núcleo intercontinental da hostilidade à Alemanha, senhora do continente europeu (e o número infimo de Estados ainda livres não altera nem desfalca a efectivação de tal domínio) foi posta como condição *sine qua* da resistência a Hitler vitorioso. Ano e meio demo-

rou, a poder de esforços e demonstrações da vontade pertinaz da Inglaterra e de Roosevelt, a elaboração de factores que permitiram, ao perfazer dois anos de guerra, a soldagem e formação daquela que Churchill denomina *Comunidade Anglo-Americana*, pactuada no Atlântico.

Com jubilosa razão a celebrou Churchill em verdadeiros raptos da sua exclamatória e tão característica eloquência, ao anunciar aos povos ocupados as esperanças ou liberdades que, ainda através de muitos sofrimentos, agora parecem renascer mais vivas no espírito e na alma dos chefes e condutores da Grã-Bretanha.

Eis a trave central do seu discurso.

Naturalmente, prenderam-se a ela outras referências aos sectores mais importantes da guerra, e importa havê-las em conta, até nas suas entrelinhas, porque as palavras de Churchill nunca devem ser lidas de fuga, senão com ponderado exame, fora das zonas escorregadias das polémicas.

## BAMBÚ AO VENTO



CORDELL HULL

A primeira destas referências a sublinhar, foi feita ao Japão nos termos seguintes: «Há cinco longos anos a facção militar japonesa atacou e assolou a China com os seus 500.000.000 de habitantes. Os japoneses com os seus movimentos ameaçam o Sião e Singapura — ligação britânica com a Austrália — e ameaçam também as Filipinas. Isto tem de acabar. Todos os esforços serão feitos para conseguir uma liquidação pacífica.» E referindo-se às negociações entre os Estados Unidos e o Japão, Churchill pôs o dilema: — «Os Estados Unidos estão trabalhando com inflexível paciência para chegar a um ajustamento equitativo e amigável, que dará ao Japão a garantia absoluta do respeito pelos seus interesses legítimos. Esperamos ardentemente que essas negociações sejam coroadas de êxito. Se essas esperanças se mabrogarem, enfiletraremos imediatamente e sem hesitações ao lado dos Estados Unidos.»

Com efeito, quando de todos os lados acorriam notícias de que a tensão de relações entre Washington-Londres e Tóquio entrara em alta febre, o embaixador Nomura no dia 24 na capital norte-americana o secretário dos Negócios Estrangeiros, Cordell Hull, para uma conferência, cujos resultados foram imediato alvo dos re-

presentantes da Imprensa. À saída, o embaixador, cujas orientações moderadas e conciliadoras são conhecidas, confessou que se travara franca discussão geral e que «o fosso entre o Japão e os Estados Unidos deve ser aplanado», mas que a nenhum acôrdo se chegara. Os meios políticos em Nova Iorque não confiavam demais no bom êxito desta diligência. No entanto, é de notar que já antes disto, o arranjo, ao que parecia, encontrado, para fazer descarregar os navios portadores de matérias primas para a Rússia não em Vladivostok mas em outro pórtio siberiano mais ao norte (e que foi há dias objecto dumá troca de avisos entre o embaixador nipónico em Moscovo e Molotov), levava a crer numa tendência japonesa para evitar a guerra — guerra necessariamente difícil que deveria ser mantida na Manchúria, na China e contra Singapura através da Indochina e do território siamês.

Não obstante os afãs militares, estes factos condizem na crise interna do Japão, ao mesmo tempo política e económica. Na verdade, o bloqueio já atingiu pontos vitais da resistência nipónica. No dia 22 de Agosto o jornal conservador *Asahi-Shinbun* aconselhava o governo a rever todos os planos do abastecimento de matérias primas prevenido o encerramento de muitas fábricas por falta delas. O comércio exportador não vê saídas para este bôco. Daqui uma forte divisão nas opiniões dominantes, agravando a que afasta as correntes políticas. Esta divisão abre-se não só a respeito dos riscos que inevitavelmente aumentarão com a crise do aprovisionamento industrial, como ainda entre o exército e a marinha que dissidem acerca da orientação a dar a operações: se para o norte contra a Rússia, se para o sul contra o Sião, onde aliás em Bançoque o ministro dos Negócios Estrangeiros, Vatakan, perguntava a Tóquio no dia 24, reforçado pela imprensa do país, que por lá se entende ser a famosa *Nova Ordem* nipónica no Extremo Oriente, interrogação a que talvez Chang-Kai-Chek possa dar cabal resposta.

Em meio de tantos choques de interesses, é certo que o partido militar japonês ameaça assaltar o poder e desencadear a guerra se Konyoe não lhe obedecer. Tóquio oscila como bambú ao vento. A bisetrix salvadora deste conflituoso ângulo está, pois, nas habilidosas mãos do embaixador Nomura, mais em contacto com os fornecedores norte-americanos e ingleses da indústria japonesa. E é claro que Washington e Londres, que sabem onde carregam, prevalecem-se destas vantajosas vacilações de Tóquio, onde também são assás co-

nhecidas, sob os pontos de vista económicos e políticos, as onze varas da camisa do Pacífico.

## TOQUES DE AVISO



GUNNINGHAM

Outra referência de Churchill merece registo: — aquela em que êle adverte, exactamente no quadro geral do cerco do continente europeu, os países que se encontram em primeira numeração para as avançadas alemãs: «Austriacos, checos, polacos, noruegueses, dinamarqueses, belgas, holandeses, gregos, croatas e sérvios, e sobretudo a grande nação francesa foram aboroados e algemados — disse o primeiro ministro inglês. A Itália, a Hungria, a Roménia e a Bulgária conseguiram um alívio, tornando-se os seus aliados. Mas a sua verdadeira situação e muito diferente é quasi indistinguível da das suas vítimas. A Suécia, a Espanha e a Turquia estão aterradas, à espera de qual será a primeira a ser derrubada.»

Repare-se em que, como já escrevemos, a Turquia e a Espanha estão nas linhas das surtidas político-militares que, congelada a Rússia pelo próximo inverno, se rasgam como recursos inevitáveis ao Reich por todo o outono. O recente assalto de submarinos e navios de guerra de superfície alemãs a um comboio de 25 unidades inglesas, destinado a Gibraltar, — das quais escaparam dezóito — efectuado perto de Cádiz, não dá razão somente às congratulações do Primeiro Lord do Almirantado, Alexander, por o Atlântico Norte ter sido bastante limpo de ataques submarinos, como aliás se demonstra na surpreendente diminuição da tonelagem afundada, mas mostra à evidência para que regiões derivam os objectivos alemãs. A retirada de famílias inglesas do Marrocos espanhol e a atitude francesa confirmam-no.

Depois das francas declarações de De Brinon contra os Estados Unidos, e das conferências de Darlan em Paris, parece que o actual governo pendeu definitivamente para o lado da Alemanha, correndo à sorte das suas armas. O apêlo de Churchill à esperança dos «valentes franceses», conjugado à vasta operação de policia que, depois dos grandes actos de sabotagem ferroviária ao sul de Paris, encerrou os deputados e senadores em Mont Doré, e efectua prisões em massa e conjugado

(Conclue na pág. 12)



# O regresso da SAGRES



DEPOIS DE UM MÊS DE VIAGEM, regressou da Madeira e dos Açores o navio-escola «Sagres» em que 37 filiados da «Mocidade Portuguesa» realizaram o seu primeiro cruzeiro atlântico. Em cima, vemos dois aspectos da chegada e um grupo de rapazes com os oficiais de bordo. À direita: o sr. major Frederico Vilar entregando as insígnias de marinheiro aos recémchegados.

# PORTUGAL Brasil

A EMBaixADA ESPECIAL PORTUGUESA, que foi ao Brasil em missão muito honrosa e de alto significado, regressou há dias, a bordo do «Serpa Pinto». A esquerda — a chegada do barco ao cais; em baixo — os membros da Embaixada com as individualidades que lhes apresentaram cumprimentos.



Em cima, à esquerda — O sr. dr. Oswaldo Aranha, ministro das Relações Exteriores do Brasil, conversando com o sr. dr. Júlio Dantas, presidente da Embaixada. Em cima, à direita — O Chefe do Estado brasileiro, dr. Getúlio Vargas, lendo o seu discurso na recepção à Embaixada portuguesa. Em baixo, à direita — O sr. António Ferro recebido solenemente no Touring Clube. Na foto, vêem-se, entre outras personalidades, o embaixador no Brasil, sr. dr. Martinho Nobre de Melo, os srs. Júlio Caiola, G. Pereira de Carvalho, etc.



Adquira  
uma  
"Vito..."



...A MAIS MODERNA E  
ELEGANTE MAQUINA  
FOTOGRAFICA 24x36

fabricada por

**Voigtländer**

J. C. ALVAREZ, L.<sup>DA</sup>

Tudo para Fotografia e Cinema

205, R. Augusta, 207 — LISBOA

# LAZARUS

REVELAR,  
COPIAR E AMPLIAR

NOS NOSSOS LABORATÓRIOS,  
É TER A CERTEZA DE OBTER O  
MÁXIMO VALOR DOS SEUS NEGATIVOS

//

PESSOAL ESPECIALIZADO, APA-  
RELHAGEM MODERNA, E REVE-  
LADORES DE GRÃO FINO,  
SÃO VANTAGENS DA NOSSA CASA

**J. & M. LAZARUS**

RUA IVENS, 59 — LISBOA

Telef. 25373

## PANORAMA INTERNACIONAL

# AS GLOSAS E OS AVISOS DE WINSTON CHURCHILL

(Continuação da página nove) Por Francisco Velloso

ainda ao apoio dos comboios de abastecimento italo-alemães em águas francesas norte-africanas, facilmente verificáveis pela localização dos ataques da R. A. F. nessas paragens — trazem manifestamente, não só um desafio ao almirante Cunningham, mas uma estranha iluminação cor de fogo em braza à zona do Mediterrâneo Ocidental e à que vai ameaçar com submarinos e navios de superfície as rotas dos comboios norte-americanos que circunavegam ao longo da América do Sul pelo Cabo até ao Índico, sobretudo numa linha que desce do Estreito até Dakar. E eis outro aspecto das glosas de Churchill.

ções e indústrias da Pérsia e influido poderosamente na política do país não pode senão enfermar jurídica e politicamente a neutralidade mais ou menos ficial do governo do rei Palavi. Também a quando do golpe de Dentz, a Inglaterra declarou que, com alemães ou sem alemães, a Síria tinha de ser ocupada porque era e é essencial ao Império. Agora os russos e ingleses que tão rivais foram na Pérsia, unem-se contra o inimigo comum para defender o petróleo da *Anglo-Iranian*, para garantir desde o Índico e pelo Cáucaso o abastecimento militar da Rússia pelos Estados Unidos e pelo Império Britânico, e (cá está o valor da referência de Churchill à Turquia) para evitarem que o turco seja ameaçado do Sul nas costas do Mar Negro, quando as forças de von Runstedt atingissem o rio Don e pudessem aparecer a ameaçar as bacias petrolíferas caucásicas. Era evidente. Tal como na ocupação da Islândia, feita pelos Estados Unidos cerca de dez dias antes do almirante alemão Raeder a fazer, apoiado desde as bases da Noruega, este acto anglo-russo da Pérsia é um caso de antecipação no momento oportuno (andar depressa e a tempo é meia vitória) que salva aquela via de comunicação para o abastecimento da Rússia, mas que fornece também à Turquia uma posição sólida, por que ela deixa de ter o inimigo ao Sul, que é como quem diz à retaguarda para poder juntar tódas as suas forças na sua fronteira com a Bulgária e com o território grego ocupado — donde espera, e com razão, um dia, o cartão de visita de von List — o qual com toda a certeza não foi assumir o comando do exército alemão na que em Berlim se denomina zona do Mediterrâneo, a fim de admirar o azul do Bósforo ou a ponte de Galata...

### ANTES QUE BERLIM...



RAEDER

A parte que nesta mesma referência cabe à Turquia, teve, horas depois de proferido o discurso, uma confirmação retumbante: — as forças anglo-russas invadiam a Pérsia na manhã de 25 de Agosto. No dia 26, a Imprensa de todo o Mundo publicou o que eufemisticamente se intitulou explicações anglo-russas, mas elas são supérfluas diante da realidade das coisas. Dentro dos mesmos princípios do direito público internacional que Berlim invocou para invadir a Holanda e a Bélgica imputando-lhes convívios com a Inglaterra e alegando que a todo o momento favorável, esta última poderia vir combater a Alemanha nas suas fronteiras, procedem agora Londres e Moscovo a quem de facto 1.500 alemães ocupando postos dirigentes nos serviços públicos de comunica-

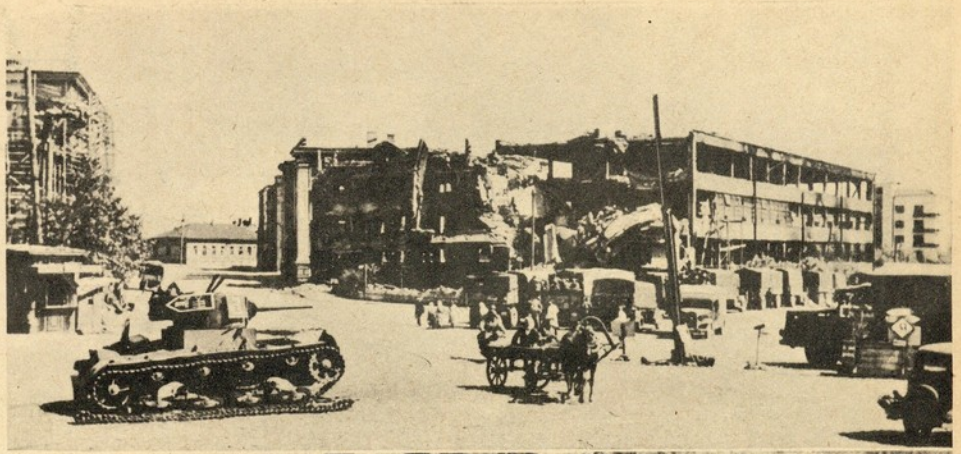


NO «FOREIGN OFFICE», foi assinado o tratado russo-polaco. Na foto, vêem-se Churchill, Eden, o general Sikorski e o embaixador Maisky.

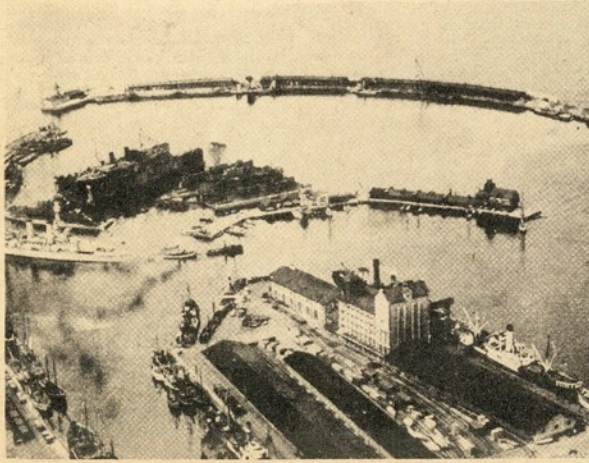
Criai o hábito de ler «LONDON CALLING»,  
semanário ilustrado e órgão oficial da  
B. B. C.

A' venda na Livraria Bertrand, Rua Garrett, 73-75, ao preço de Esc. 1\$20.

# A campanha da RUSSIA



AS RUAS DE SMOLENSKO, cidade em poder dos alemães, encontram-se pejadas de veículos e com os prédios quási totalmente arrasados.



O PÓRTO DA CIDADE DE TALLIN, conquistada pelas tropas do Reich.



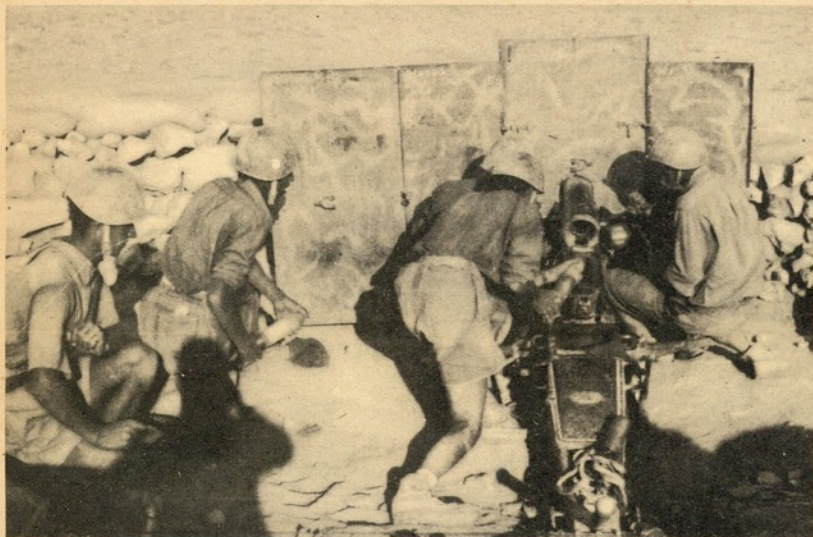
CAMPONESES russos transportando material de guerra.



UMA PEÇA ANTI-TANK- ALEMÃ, em acção na frente da Ucrânia. OS GENERAIS KESSERING E LOERZER que comandam os ataques da aviação alemã contra a arma aérea soviética, ao longo de toda a frente oriental.



# ITALIA na Guerra

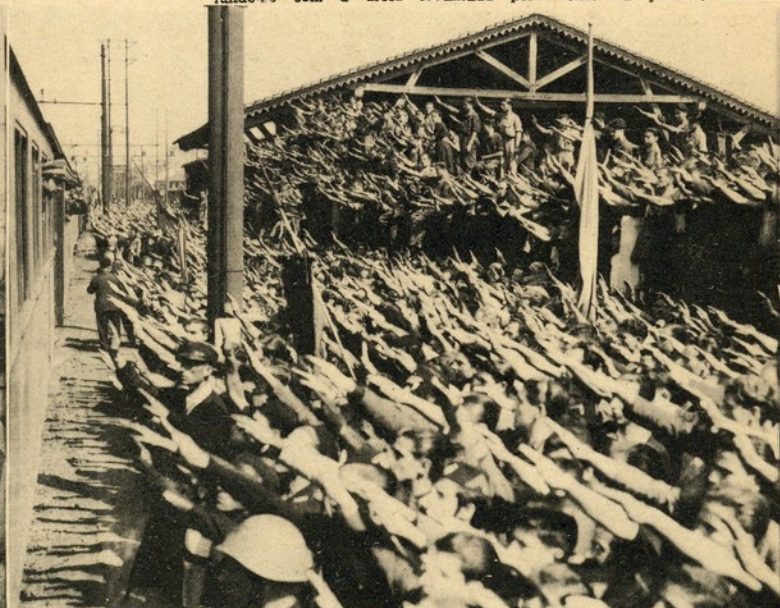


NA FRENTE DE TOBRUK, onde a resistência inglesa se prolonga, uma peça anti-«tank» italiana repele um contra-ataque de carros das forças britânicas.



OS METRALHADORES DA AVIAÇÃO têm uma tarefa árdua e difícil. A foto mostra-nos alguns destes soldados italianos em acção dentro da sua cabine.

UMA PEÇA ANTI-TANK faz fogo no deserto. O fumo da descarga confunde-se com a areia levantada pelo vento na planície africana.



CONDECORAÇÃO DE SOLDADOS ITALIANOS que mais se distinguiram na campanha da África do Norte. A cerimónia efectua-se em plena «frente» de combate.

A PASSAGEM DO COMBÓIO que conduzia o léretro de Bruno Mussolini, morto num acidente, os «camisas negras» saudaram o seu companheiro morto pela Pátria e ao serviço da aviação.

# MULHERES *ao serviço* da **R.A.F.**



AS MULHERES INGLÊSAS DÃO GRANDE CONTINGENTE para os serviços auxiliares da R. A. F., onde desempenham várias missões, desde os lugares da pilotagem, até aos cargos mais obscuros. Nesta página, damos alguns aspectos da actividade feminina na aviação inglesa. À esquerda: Um grupo de reparigas dos serviços motorizados da R. A. F., que conduzem carros de abastecimento de aviões no Próximo Oriente. Ao fundo: À esquerda — Miss Joan Hughes, uma aviadora das forças aéreas britânicas; à direita — Miss Bronwen Williams, outra aviadora, inspeccionando os comandos dum novo bombardeiro inglês.





A RESTRIÇÃO DO CONSUMO DE GASOLINA e a proibição de circulação, em determinados dias da semana, dos carros particulares, em determinados dias, dos carros particulares, criou nova fisionomia à cidade. As bombas estão fechadas a cadeado...



UMA GARAGEM DE LISBOA, ao domingo, pejada de veículos de turismo.



A RUA DO OURO, numa quinta-feira, às 5 horas da tarde, sem trânsito.

## DOIS ANOS DE LUTA

Por Carlos Ferraz

(Continuação da página cinco)

necessidades dos combatentes. No Próximo Oriente, o Irak e a Líbia, já experimentados, parecem constituir, com o Irão, o prefácio de novas empresas que se estenderão até à fronteira da Índia.

O entendimento anglo-americano, e o auxílio prestado pela Armada e pela Aviação dos Estados Unidos para dominar a ameaça alemã às rotas britânicas no Atlântico é a condição prévia da intervenção norte-americana. Contingentes deste país ocuparam a ls-

lândia, enquanto os seus barcos vigiam as águas onde a presença de submarinos do «eixo» criou a iminência dum encontro cujas consequências é fácil avaliar.

O pacto tripartido associou, por outro lado, o Japão ao destino das potências europeias do «eixo». Apesar da assinatura dum pacto de não agressão nipon-soviético em abril deste ano, os japoneses, depois duma crise ministerial que deu de novo o poder ao príncipe Kanoye, tomaram uma atitude decidida no Extremo Oriente onde defrontam a coligação chamada de A B C D (América, Grã Bretanha, China, Índias Holandesas) e a possibilidade dum conflito com os soviets na Sibéria. Para ocidente e para oriente, com uma zona de convergência no Pacífico, o âmbito das hostilidades alargou-se a outros continentes e a outros mares, espalhando-se da Europa, pela Ásia, pela África, pela América, pela Oceania. Ao fim de dois anos, pode dizer-se, com propriedade, que a guerra europeia se transformou na segunda conflagração mundial.



HESS

USE O MATERIAL FOTOGRAFICO

ILFORD



CHAPAS // PAPEIS  
PELÍCULAS

A venda nos estabelecimentos de artigos fotográficos



ILFORD LIMITED  
ILFORD - LONDRES

# B.B.C.



fala e o mundo acredita

Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

Hora de verão	Noticiário	Estações	Ondas curtas
13,15	Noticiário	G R Z	13,86 m. (21,64 mc/s)
		G S O	19,76 m. (15,18 mc/s)
13,30	Actualidades	G R V	24,92 m. (12,04 mc/s)
22,00 (*)	Noticiário	G S C	31,32 m. (9,58 mc/s)
		G S B	31,55 m. (9,51 mc/s)
22 15	Actualidades	G R T	41,96 m. (7,15 mc/s)

(\*) Este noticiário ouve-se também em 24,92 metros (12,04 mc/s) em G R V.





## *Uma figura da acti- vidade internacional*

# PIERRE LAVAL

ALGUNS ASPECTOS DA VIDA POLÍTICA DE PIERRE LAVAL, que há dias foi vítima dum atentado em Versalhes. Em cima: Laval, presidente do Conselho de Ministros da França em 1931, passeia de automóvel com o Presidente Doumer. A esquerda: Laval, ministro dos Negócios Estrangeiros, assina, em Maio de 1935, o pacto franco-soviético negociado pelo seu antecessor Barthou. Em baixo, à esquerda: Laval, ministro dos Negócios Estrangeiros em Dezembro de 1934, é o primeiro ministro francês que visita a Alemanha, depois da guerra; nesse momento, assina um tratado comercial entre os dois países. Em baixo, à direita: Laval vai à Itália em Janeiro de 1935 e assina um pacto com Mussolini que era o prelúdio dum eventual tratado de amizade



# Chegue sem cobertura

por Alice Ogando

**S**ENTADO à secretária, a carta que acabava de receber aberta diante de si, essa fantástica carta mil vezes incompreensível, o banqueiro Manuel Maria da Silva desviou enfim os olhos do odioso papel e pôs-os, cheios de uma indefinível expressão de espanto, num estojo longo, de veludo carmesim, que, num gesto brusco, momentos antes tinha atirado para o lado. Pegou-lhe, abriu-o e o colar, o famoso colar de pérolas, surgiu. Tirou-o cautelosamente do estojo onde repousava, sorriso delicioso no rubro de setim que lhe servia de leito, qual fleira maravilhosa de brancos dentes em fresca boca, e fechou na mão essas pérolas que lhe tinham custado, pouco antes, uma fortuna, e se destinavam a cingir o delgado pescoço de Rosa Maria.

Aquele contacto causou-lhe uma singular sensação de prazer; agradava-lhe rolar entre os dedos grosseiros, as pérolas macias. Compreendeu, de súbito, até que ponto a voluptuosa das pérolas deve fazer estremecer um colo de mulher!

Por um segundo, imaginou a sua, essa linda Rosa Maria, ostentando a preciosa joia, e sentiu-se orgulhoso. Daquilo, nem todos se podiam gabar. Ele, graças a Deus, podia e não era mesquinho! Depois, a mulher era bonita, ficava-lhe bem, tão bem como a roseira vermelha que ostentava na lapela, tão bem como o seu sumptuoso automóvel...

Naquele momento, esqueceu quasi por completo a carta, como se as pérolas tivessem o fantástico condão de arredar fantasmas, e pôs-se a comparar a sua vida passada com a presente. Um sorriso de orgulho fez-lhe entreabrir os lábios: vencera, sim, vencera na vida, ou, o que era mais, vencera a própria vida! Fôra rude a batalha, mas atingira o seu fim. Viera de muito baixo, de simples marçano, pés afetos ao tamanho, mas galgara os píncaros e pairava agora onde pairam as águias.

Rosa Maria, delicada flor de estufa, branca como um lírio, loura como espiga que o sol amadureceu, fôra atirada para os seus braços por um pai arruinado: casaram. Ela deu-lha a sua graça, a sua pureza, êle deu-lhe muito dinheiro: sentia que pagara. Que mais queria aquela idiota? Que mais?

Num repêlão, ao acudir-lhe este pensamento, largou as pérolas com nojo, com desdém. E que os seus olhos, no momento em que êle regressava do seu passeio através do passado, voltaram a pousar na carta, nesse miserável papel onde a tia Angélica — a tia de sua mulher — lhe dava parte dessa loucura sem razão, sem finalidade, dêsse facto tão incompreensível que não podia ainda aceitar como verdadeiro. Sua mulher que lhe disse ter ido passar uns dias à Beira, a casa de sua tia, estivera lá sim, mas de passagem, para lhe fazer esta estranha confidência: ia fugir com Cesar de Sá, um misero romancista sem fortuna. O Cesar de Sá! O espantoso não era, na realidade, que a mulher lhe fugisse — elas são capazes de tudo — afirmam os cínicos profissionais e êle gostava de o repetir, para se dar ares, com o propósito de mostrar que conhecia o «artigo». O que o espantava é que fôsse justamente fugir com um tipo que não tinha onde cair morto.

Amarranhou a carta na mão crispada e só então sentiu que uma dorzinha estranha, assim como uma alfinetada, lhe penetrava o coração. Uma grande lassidão começou a invadi-lo. Quis reagir. Levantou-se, e pôs-se a passear no escritório, sobre a alcatifa cara que lhe amortecia o ruído dos passos. Não, aquilo não podia ser, a tia Angélica ouvira mal com certeza. Era lá possível que uma rapariga que fôra menina para os seus braços esquecesse todo o luxo que lhe devia para correr uma banal aventura, com um pelintra incapaz de a fazer feliz!

E êle não a machava muito, que diabo, a não ser na sua vida de sociedade, tinha dias em que só a via às refeições. A mulher para êle era, além dum luxo caro, uma certeza em que gostava de repousar. Tinha-a, era sua, tal como o seu carro — e muitas vezes por causa da maldita barriga andava a pé.

Um súbito ardor nos olhos fê-lo compreender que o emocionava um tanto pensar que nunca mais a veria, daquela flor preciosa que colhera dum canteiro pobre e transplantara para um jardim maravilhoso.

Fazia-lhe falta sim, porque não havia de o confessar? Depois, um homem de negócios deve ter sempre a seu lado uma bela mulher, e, podendo ser, muito mais nova; é um cartaz, um elemento de triunfo, enfeita um salão, decora uma mesa de banquete.

Agarrou-se à insensata esperança de que a tia Angélica tivesse enlouquecido. Era impossível que Rosa Maria o deixasse sem uma palavra, atirando-lhe assim o silêncio, num gesto de desprezo. Êle não era ciumento, nunca o fôra, mas aquela carta que tanto espicacou a sua vaidade, seria capaz ainda de o fazer solteir, se êle verificasse que se dava ao luxo de ter coração.

Num movimento de ira mordeu o charuto que logo atirou fora. Tudo aquilo era ridículo! Que iria dizer esta Lisboa bisbilhoteira e mandriona? Horrores!

Invadia-o agora um grande desprezo por aquele miserável ser que o abandonara. Tanto fizera por ela e, afinal, era êste o pago.

Vencido, sentindo a terrível sensação de ter recebido uma pancada brusca na cabeça, cambaleante, deixou-se cair num «maple». O vidro da grande estante fronteira reflectia o seu rosto. Não era feio não senhor, um perfeito homem, já pela cara se

notava que era alguém que vivia desafogadamente, que podia! Quê seria a vantagem física que o Cesar de Sá lhe levava para assim, de um momento para o outro, lhe destruir a existência? E ela, porque não fôra franca? Se lhe faltava alguma coisa, pedisse. Êle sempre lhe satisfizera todos os caprichos. Falava-lhe no colar pouco tempo antes, êle logo tratou de o encomendar, e ali estava, acabadinho de chegar. Dava-lhe tudo, sim, só não podia, evidentemente, dar-lhe um romancista para uso particular.

A onda de desgosto que a ingratidão causa atirava-o. Ingrata! E êle que fizera tudo por ela, tudo!

Aquele «tudo» aumentava à medida que o repelia; incluía luxo, prazer, viagens, jóias, carros, dinheiro... Esse tudo, na realidade, fazia um todo poderoso.

Mas eis que, saltando por cima dos seus fortes argumentos, a consciência lhe gritou: «Detem-te. Já que estás a fazer balança, sé honesto. Uma vez não fica mal a ninguém.» Chamado à realidade por essa voz interior, êle ponderou: «Ter-lhe-ia, na verdade, dado tudo, a essa mulher que conheçera quasi criança ainda?» O desejo de se justificar perante essa voz implacável obrigou-o a inventar argumentos, num grande desejo de defesa. «Com



... Os seus olhos voltaram a posar na carta, nesse miserável papel...

certeza, dera-lhe tudo, até estima, até desejo. Ela apeteia-lhe como uma amante... Mas, cada vez mais vibrante, a consciência indagou: «Deste-lhe tudo, tudo, tens a certeza?»

Ele gritou, para fazer cair a voz insistente: «Sim... sim... tudo.»

E logo lhe veio uma grande necessidade de agir. Aquilo não podia ser. A tia Angélica devia saber onde ela se encontrava, era urgente acabar depressa com aquela farsa, não tinha jeito para figura de romancista e, principalmente, para aquela figura...

De um salto, como fera que acabassem de ferir, sentou-se à secretária, e, sem um segundo de hesitação, escreveu à tia Angélica um lacónico bilhete pedindo-lhe que fizesse chegar a carta junta às mãos da sobrinha. Ela sabia com certeza onde ela estava. Se queria evitar um escândalo, uma tragédia, talvez, não se negasse a ajudá-lo, senão...

Insinuou a ameaça, num velho hábito. Aquilo estava-lhe no sangue...

Depois, pegou de novo na pena e escreveu com mão firme:

«Rosa Maria:

«Recuso-me a acreditar o que diz a tia Angélica. Não é possível que uma mulher faça aos seus mais sagrados deveres para com a sociedade, para com o marido, para com a honra, e corra para junto do primeiro fazedor de histórias que soube dar-lhe volta ao miolo. É incrível que a razão não te diga a impossibilidade de levares a cabo essa loucura. Vem imediatamente, exijo-o com a minha autoridade de marido que insiste em não querer considerar-te culpada. Repara no escândalo que isto faria. Por ti e por mim, não é conveniente.»

«É possível que, para te reconquistar, devesse falar-te outra linguagem, mas eu não sou homem de letras. Aquelas com que lido, são apenas as que têm servido para te dar o luxo que adoras e que um dia, utilizei também para arrancar teu pai à falência. E depois, tu faltas-me aqui em casa, preciso de ti. Sinto que poderia dizer-te mais, mas a verdade é que nunca julguei ter que te dizer tanto. E isto basta: quero que venhas. Não sou homem para consentir que outro possa arrancar-te do meu lado. E também não sou pessoa que aceite o ridículo de um divórcio tendo por causa... um romancista. Além disso, Rosa Maria, não posso perceber o que tem esse homem para te deslumbrar. Mas tudo isto são palavras inúteis, basta que saibas que exijo a tua presença imediatamente em Lisboa.»

Manuel.»

Na volta do correio, Manuel Maria da Silva recebeu, como resposta, este lacónico bilhete de sua mulher:

«O que esse homem tem para me dar, é bem pouco, como verás: amor.»

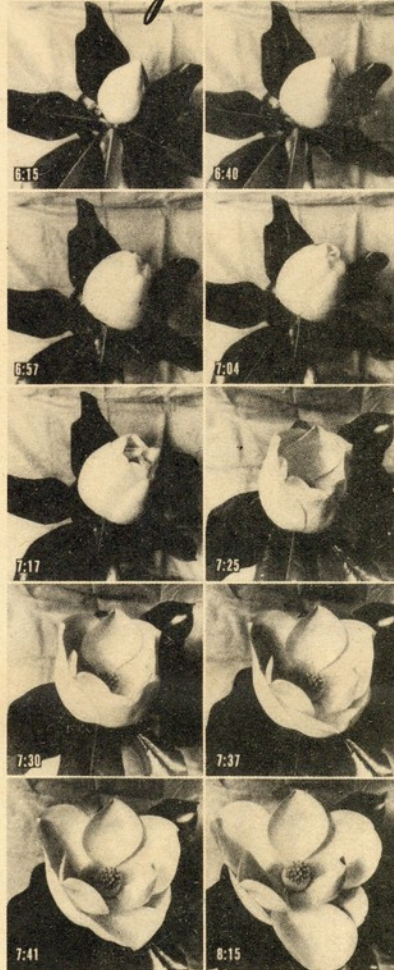
Rosa Maria.»

O banqueiro leu num relancear de olhos aquele papel que queria talvez ser um insulto e sorriu. Amor? Bem, se era só isso, o caso não tinha importância. O amor é um mísero cheque sem cobertura!

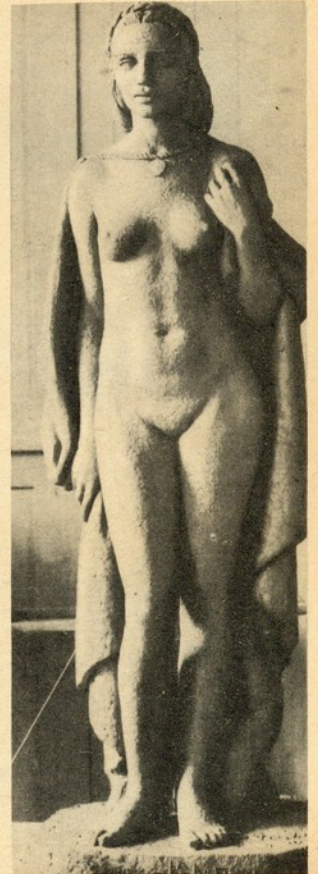
Depois, enquanto metia no cofre o colar de pérolas que jazia ainda, como objecto sem valor, em cima da secretária, repetia entre dentes, fazendo funcionar o segrêdo, um sorriso escarminho a brincar-lhe nos lábios grossos:

— O amor... é cheque sem cobertura. Esperemos.

# Duas horas da vida duma Magnólia



Este conjunto de fotos representa o «récord» de perfeição e de paciência alcançado por um fotógrafo americano. Com pequenos intervalos — entre as 6 e 15 e as 8 e 15 da manhã — ele conseguiu fotografar o desabrochar duma magnólia, o movimento das suas pétalas. As oito fotografias dão-nos bem a ideia da vida desta flor durante duas horas — vida de que os nossos olhos mal se apercebem.



ESTATUA-REALIZAÇÃO de Francisco Xavier da Costa, aluno do Curso Superior de Escultura da Escola de Belas Artes do Porto, que obteve recentemente a 1.ª medalha na classificação final.

## Vida MUNDIAL ilustrada

### CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11\$00; 6 meses (24 números) — 22\$00; 12 meses (48 números) — 43\$00. — África: 12 meses (48 números) — 60\$00.

Estrangeiro c/convenção — 12 meses (48 números) — 65\$00.

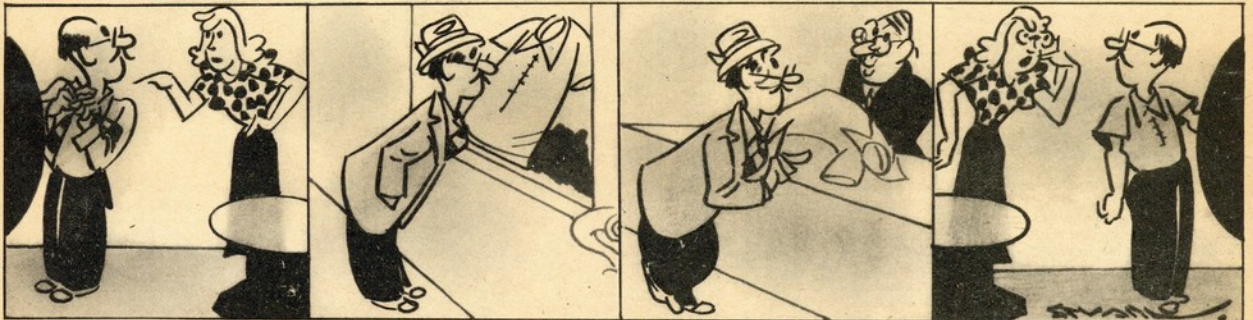
Estrangeiro s/convenção — 12 meses (48 números) — 80\$00.

COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.ª — Tr. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.

Visado pela Comissão de Censura

## A camisa de seda

Por Stuart Carvalhais



— Isto é uma vergonha! Tem paciência, meu filho, mas não saio contigo se não comprares uma camisa de verão, uma camisa decente.

— Realmente, a minha mulher tem razão... Ora aqui está uma camisa que me parece muito decente. Vamos a isto?

— Esta camisa é de duração? Querias comprá-la, mas...

— Ora essa! É de tecido esplêndido e está muito bem cosida...

— Ó homem! Pois tu compraste uma camisa de seda crua?!

— Crua? Ó filha, não percebes nada disto. O homem disse-me que estava muito bem cosida...

4881



# CHURCHILL

## FALA AO MUNDO

Vida  
**MUNDIAL**  
ilustrada

NESTA GUERRA MODERNA, em que as palavras caminham mais depressa que as tropas, os discursos dos chefes das nações em luta são ouvidos sempre com grande interesse pelos povos de todo o Mundo. Depois da conferência do Atlântico, a ansiedade pelo discurso de Churchill era enorme. «A minha entrevista com Roosevelt assinalará para sempre nas páginas da História o levantamento das nações de língua inglesa» — afirmou ele. E o objectivo do encontro foi definido por estas palavras que reproduzimos dos telegramas dos jornais: «Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha não partem agora do princípio de que não haverá outra guerra. Ao contrário, estamos dispostos a tomar precauções apropriadas para evitar que ela volte a dar-se em qualquer período.»